

O CANTO INDÍGENA *PARIXARA* COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A REVITALIZAÇÃO DE LÍNGUA MATERNA

Jucicleide Pereira Mendonça dos Santos¹

Resumo

A música indígena tem suscitado diferentes tipos de investigação. Os saberes contidos nos versos dos cantos acessam conhecimentos que atravessaram séculos de existência, repassados pelos avós e pais para as gerações mais jovens. Com os ataques ocorridos contra os povos tradicionais, os cantares foram um dos mais atingidos, chegando em certas localidades a quase ou total extinção. O povo Wapichana que vivia mais próximo da cidade foi um dos mais afetados. Contudo, os Wapichanas têm buscado vivenciar as suas origens e o uso do repertório indígena tem sido recorrente nas aulas de língua materna. Nos propomos a compreender como a prática do canto *parixara*, na sala de aula pode contribuir para a revitalização da língua indígena. A pesquisa de campo ocorreu na Comunidade Canauanim em Roraima-Brasil. O estudo foi realizado com um professor de língua wapichana, que ministra aula para crianças estudantes na Escola Indígena Tuxaua Luiz Cadete. Como resultado dessa investigação, compreendeu-se a importância de métodos que consideram a musicalidade de cantos indígenas em sequências didáticas em uma socialização em amplitude para a comunidade e colaborando para uma reflexão constante sobre a Educação Escolar Indígena.

Palavras-chaves: *Parixara*; Cantos Indígenas; Educação Escolar Indígena; Língua Wapichana.

Abstract

Indigenous music has sparked different types of investigation. The knowledge contained in the verses of the songs access knowledge that spanned centuries of existence, passed on by grandparents and parents to younger generations. With the attacks against traditional peoples, the songs were one of the hardest hit, reaching almost or total extinction in certain locations. The Wapichana people who lived closest to the city were one of the most affected. However, the Wapishanas have sought to experience their origins and the use of indigenous repertoire has been recurrent in mother tongue classes. We propose to understand how the practice of *parixara* singing in the classroom can contribute to the revitalization of the indigenous language. The field research took place in the Canauanim Community in Roraima-Brazil. The study was carried out with a Wapichana language teacher, who teaches children students at the Tuxaua Luiz Cadete Indigenous School. As a result of this investigation, the importance of methods that consider the musicality of indigenous songs in didactic sequences in broad socialization for the community and contributing to a constant reflection on Indigenous School Education was understood.

Keywords: *Parixara*; Indigenous Songs; Indigenous School Education; Wapichana language.

¹ Doutoranda pelo Programa e Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pertencente ao povo Wapichana, Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Participa do projeto Poéticas da oralidade indígena no contemporâneo: cartografias amazônicas, coordenado pela Prof^{ra}. Dr^a. Ivânia dos Santos Neves (PPGL-UFPA). Foi professora substituta do Instituto Insikiran de Educação Superior Indígena, curso de Licenciatura Intercultural - Comunicação e Artes (2019 – 2021). E-mail. cleidemendsan@gmail.com

1. Introdução

As línguas indígenas foram fortemente atacadas, desde os primeiros contatos com os colonizadores, em certos casos chegando a ser extintas. As comunidades indígenas mais próximas dos centros metropolitanos sofrem impactos maiores, do que as que estão mais distantes. O fato é que as interferências externas recaem sobre todas elas, com maior ou menor intensidade. Existe uma concorrência, talvez se possa até dizer, desleal, em decorrência dos atrativos dos meios de comunicação para com os ensinamentos indígenas, tais como: os aparelhos celulares, notebooks, tvs a cabo, a internet, as redes sociais, sites de pesquisas, entre outros.

Com vistas a fortalecer as raízes tradicionais, a Educação Escolar Indígena tem buscado proporcionar aos seus alunos uma educação contextualizada. Os debates entre as organizações indígenas e o Ministério da Educação contemplaram maneiras particulares para que os povos originários transmitam seus saberes, costumes e crenças. Com base em modos educacionais próprio das etnias, a língua aparece como um fator de forte representação de suas identidades, assenta-se claramente no contexto escolar, como disciplina de língua materna.

O ensino das línguas indígenas entre os grupos étnicos de Roraima está inserido desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, ministrado por professores falantes das línguas, que são distribuídos segundo a necessidade da comunidade local. A exemplo temos: uma localidade composta por Macuxis e Wapichanas terá professores falantes das línguas macuxi e wapichana. A exigência a respeito do grau de instrução do docente é ter o Ensino Médio Completo, pois a ênfase está em ser um exímio falante da língua materna e ter habilidades para a escrita.

A conquista dos povos tradicionais em ter indígenas lecionando nas suas e nas comunidades vizinhas fortaleceu a cultura indígena e possibilitou um contato maior com as línguas maternas, especialmente para as localidades que não tinham mais falantes. Já nos contextos de escolas não indígenas das cidades que têm discentes oriundos das comunidades, não possuem tradutores para as aulas de outras disciplinas, o que compromete o desenvolvimento de certas competências do estudante.

As conquistas para melhorias no sistema de ensino indígena foram norteadas a partir das grandes e sucessivas reuniões de professores indígenas nas maiores comunidades para se chegar a um diálogo consistente com o Ministério da Educação (MEC). Assim, puderam viabilizar que, no currículo de suas escolas, o professor de língua materna tivesse a oportunidade de trazer elementos culturais e manifestações artísticas étnicas para a sala de aula.

Com isso, as canções ameríndias encontraram um lugar, entre os conteúdos preferidos dos alunos.

Com base nos estudos de cantares ameríndios, trago para esta investigação o canto indígena *parixara* que é o mais difundido entre as etnias do extremo norte do Brasil. *Parixara* é o nome dado a uma festividade de celebração da fartura na caça, na pesca e na colheita. “O *parisherá* é a dança dos porcos e de todos os animais quadrúpedes” (KOCH-GRÜMBERG, [1916-1928] 2006, p. 79). As canções entoadas e a dança executada na celebração também recebem o mesmo nome, *parixara*. Outras celebrações acompanham o mesmo formato: festa do *tukui*, canto do *tukui*, dança do *tukui*; e assim se sucede com o *areruia*, o *marapá*, entre outras.

Tenho pesquisado os cantos e músicas indígenas há quase dez anos. Recentemente me voltei para os estudos sobre o uso de cantos ameríndios em contexto escolar. Esse trabalho tem como proposta: compreender como a prática do canto *parixara*, na sala de aula, pode contribuir para a revitalização da língua indígena.

A mediação do aprendizado vem por meio do professor de língua materna, que inserido na sala de aula dos alunos indígenas tem mais possibilidades de vivenciar os saberes dos povos originários com as gerações mais jovens e difundi-las entre os demais membros dessas comunidades.

A investigação foi realizada, tendo como sujeito de pesquisa o professor Eliandro Pedro de Souza Wapichana, formado em Antropologia, que ministra língua wapichana na escola Tuxaua Luiz Cadete - Comunidade Indígena Canauanim, região Serra da Lua, em Roraima - Brasil. Canauanim é uma das maiores e mais antigas comunidades indígenas das terras roraimenses, segundo Koch Grünberg ([1916-1928] 2006) e Eggerath (1924), além de ser próxima da capital Boa Vista, cerca de 20 minutos de carro ou moto.

Refletiremos sobre as contribuições que os cantares ameríndios proporcionam aos alunos quanto a um maior contato com a sua ancestralidade, da compreensão de suas crenças e apoderar-se de seus saberes étnicos. Veremos que a ambiência, as letras dos cantos e os conhecimentos que carregam consigo fomentam entre os Wapichanas o desejo de falar na língua materna.

A discussão está dividida em três partes. A primeira traz um resumo panorâmico sobre as leis norteadoras da Educação Escolar Indígena no Brasil e em Roraima, destacando as conquistas e obstáculos enfrentados pelas escolas indígenas. Na segunda parte, será apresentado o objeto de pesquisa, o canto *parixara* com as artes envolvidas; bem como a descrição do campo

e sujeito de pesquisa. Por fim, a descrição do processo de aprendizado dos cantos, a interação entre professor e alunos, bem como a experiências vivenciadas nos ambientes de fala criados a partir dos saberes e tradições compartilhados com os demais membros da comunidade.

2. Educação Escolar Indígena no Brasil e em Roraima

Para esclarecer um pouco sobre o contexto da educação escolar indígena, é relevante apreciar as leis que são produtos da luta e amparam as conquistas perante o Estado brasileiro. Depois, veremos a problemática que se apresenta atualmente.

Dentro dos parâmetros educacionais do MEC, constam informações concernentes a educação escolar indígena pautada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - (LDB / 1996) n.º 9.394, artigo 78 - I que tem como parte do texto o seguinte: “(...) *proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências (...)*” (BRASIL, 1996, p. 31).

O artigo de lei proporciona plenos direitos às populações indígenas, no que tange ao direito de vivenciar uma educação diferenciada e de qualidade. Ainda, o artigo 79 expressa a necessidade de se ter indígenas participando de discussões e adesões para tornar a educação escolar indígena contextualizada para que haja cursos de formação específica e diferenciada aos professores e ocorram produções de materiais didáticos pautados nos saberes nativos. Assim está na lei:

- [...] I – fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena;
- II – manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;
- III – desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;
- IV – elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

O Estado permitiu, então, uma participação das populações indígenas, naquilo que diz respeito à educação de seu próprio alunado. A ideia prevista na Constituição se refere às especificidades culturais e à preservação das culturas tradicionais. Para isso, quem melhor para optar pela sua educação quanto a ancestralidade? Quem melhor para conhecer a realidade local, reconhecer os saberes e ensinamentos a serem inseridos no currículo das escolas?

O Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa-INEP (2007) explana que a educação escolar indígena, em parceria com o Ministério da Educação, deve buscar uma educação pautada na realidade dos povos indígenas do Brasil. No documento, há concepções referentes aos indicadores educacionais indígenas adjetivando-a como comunitária, específica, diferenciada, intercultural e multilíngue:

[...] garantir a essas populações a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades étnicas e a valorização de suas línguas e ciências, bem como o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional, tal como preceituado nos artigos 78 e 79 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (INEP, 2007, p. 11).

É significativo trazer as leis que apresentam as diretrizes e que regem as questões educacionais indígenas para depois considerarmos alguns entraves na realidade. Apesar de constar na Constituição Federal Brasileira de 1988, as várias especificidades que vislumbram direitos indígenas, a Educação Escolar Indígena ainda carrega consigo desafios antigos.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) divulgou o Censo Escolar 2022 constando que, das 3.466 escolas indígenas, 30% não possui energia elétrica e 63% não tem água potável, condições básicas que se espera de um ambiente escolar. Com os problemas desencadeados pela pandemia do Coronavírus, a ausência de internet ou a baixa conexão se atenuaram diante da necessidade de isolamento e a continuação das aulas por meios eletrônicos. Somente 10% das escolas localizadas nas comunidades indígenas forneciam os recursos para professores e estudantes (IBGE, 2023).

O período pandêmico escancarou a fragilidade da Educação Escolar Indígena, quanto aos recursos pedagógicos e os que estavam restritos ao âmbito da tecnologia, demonstrando o distanciamento em que os povos originários estão de outras instâncias educacionais não indígenas. Os impactos da suspensão das atividades, unidos aos materiais insuficientes que as escolas indígenas dispunham, pouco serviram para viabilizar o ensino remoto.

Repassando as vistas sobre a situação educacional indígena em Roraima, o Censo do IBGE 2022 apurou 97.320 indígenas que vivem em 32 terras demarcadas que compõem oito etnias, com a quinta maior população indígena do Brasil, correspondente a 15,29% do total populacional de 636.303 (IBGE, 2023). Com respeito aos principais impasses enfrentados pela Educação Escolar Indígena em Roraima, eles se referem à estrutura física, ao material didático e transporte.

Em entrevista realizada com a professora wapixana Jacivânia Bento Julião, pertencente ao povo Wapichana, bairro Jardim Caranã, Boa Vista/Roraima, escutamos ainda que há coisas não acertadas. Vejamos um relato da professora a partir de experiências em escolas em que ministrou aula:

As escolas pequenas, em geral, funcionam como multisseriadas, têm apenas um único professor, independentemente da quantidade de turmas. Terá de ministrar todas as matérias, inclusive língua materna. Uma realidade geral é que existem prédios construídos pelo governo do Estado desde décadas atrás, são tão antigos que estão em decadência estrutural, não há manutenção predial das escolas antigas levando-as ao desuso, e por segurança os alunos precisam deixá-las para assistir aulas debaixo de árvores ou de malocões construídos pelos membros da comunidade. Nos malocões, as turmas dividem o mesmo espaço, por vezes não cabem tantas turmas. Nas escolas maiores, chegam livros didáticos e merenda no período correto para o início das aulas, mas para as escolas menores, nem livro chega. São nomeados responsáveis pela escola, que não são os diretores, devido ao número reduzido de alunos, precisam buscar esses recursos na cidade, por conta própria. Há uma verba repassada para as escolas, mas somente as que têm o APM atualizado podem recebê-la, a maioria dos gestores desconhecem essa informação ou as escolas nem têm esse documento, portanto ficam descobertas em diferentes áreas básicas (Entrevista realizada em 12 de janeiro de 2024, em Boa Vista - Roraima).

Em Roraima, constata-se a ausência de recursos mínimos para fornecer um ambiente adequado aos discentes indígenas. São tão básicos, que refletir sobre o desenvolvimento de competências referenciadas em conhecimentos e valores próprios do meio cultural indígena se torna secundário. A impressão que se tem, diante dos obstáculos enfrentados, é que os povos indígenas não são ouvidos. É possível que uma comunicação assertiva dos órgãos públicos, com fiscalização sejam imprescindíveis para que ocorram mudanças pontuais.

A responsabilidade incide sobre gestores e a figura do professor, os que encaram essa realidade diariamente. Enquanto as questões básicas precisam ser mediadas, para que se possa implantar novas formas de melhoramento na Educação Escolar Indígena em Roraima. Como não se alarmar diante de tamanha precariedade escolar, depois de tanto tempo em que as primeiras linhas da voz indígena foram registradas na Constituição Federal Brasileira?

3. Situação da comunidade Canauanim na educação.

A comunidade Canauanim localiza-se na região Serra da Lua, composta por uma região de lavrados e serras povoadas em sua maioria por Wapichanas: *“Em território brasileiro, as aldeias Wapichana se dispõem do rio Uraricoera ao rio Tacutu. A maior parte das aldeias localiza-se na região conhecida por Serra da Lua, entre o rio Branco e rio Tacutu, afluente do*

primeiro” (FARAGE, 1997, p. 17). Sales (2019) destacou que a terra indígena Canauanim é composta por quatro comunidades indígenas: “Canauanim, Barro Vermelho, Campinho e Campo Alegre, totalizando pouco mais de 1000 moradores”, divididos entre Wapichanas e Macuxis. Canauanim é uma comunidade indígena muito antiga e a mais populosa do estado de Roraima, mas o reconhecimento legal só se deu sob decreto divulgado em 15 de fevereiro de 1996.

A comunidade fica a 24km da capital Boa Vista, dividida por bairros, com casas no estilo antigo (telhado de palha e paredes de barro), de madeira e alvenaria, muito parecido com o que ocorre nas capitais, resquícios da influência dos não índios que por ali passaram. Não que isto tenha impedido que os indígenas continuassem a sua história, adaptando-se e ajustando-se, apesar do forte impacto na cultura local, mas foge um pouco do que era comum algumas décadas atrás, segundo depoimento do professor Eliandro Pedro. Em 2018, foi instalada a energia elétrica e internet, influência da proximidade com a capital Boa Vista.

Canauanim sediou grandes reuniões de professores indígenas. Entre uma das ideias que se concretizaram, está o Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena, que é tido como uma das reivindicações mais assertivas que os povos originários conquistaram (FREITAS, 2013) e está localizado no Universidade Federal de Roraima (UFRR).

O Instituto Insikiran oferece o curso de Licenciatura Intercultural, em três áreas (Comunicação e Artes; Ciências da Natureza e Ciências Sociais). No Brasil, há somente três universidades que oferecem uma educação fundada no diálogo entre educação e as tradições indígenas e dentre as instituições contempladas está uma confessional privada e duas universidades gratuitas e públicas, com o destaque da Universidade Federal de Roraima (LIMA & BARROSO, 2013).

A aquisição de um núcleo Indígena para formar professores indígenas para as escolas indígenas foi uma adesão que vem oferecendo um leque de possibilidades de cursos acadêmicos para indígenas de todo o estado de Roraima. Os professores indígenas estão bem organizados e desta forma têm conseguido reivindicar outros direitos necessários ao sistema de ensino tradicional.

Sabe-se que há muito o que percorrer e alvos a alcançar no trajeto da educação indígena em Roraima. Embora os relatos dos professores sobre a precariedade da infraestrutura, a ausência de material didático e paradidático contextualizado sejam recorrentes e as denúncias

sejam verdadeiras, grandes conquistas já ocorreram, no que se refere à educação dos povos indígenas dessa região.

A comunidade indígena de Canauanim é exemplar nesse trajeto de atualização da luta e conquistas pela educação escolar indígena, que vai desde a educação básica até o ensino superior. Por sua localização, inúmeras vezes têm sediado as grandes reuniões de professores indígenas e reivindicações para a educação indígena no âmbito geral partiram desses momentos de reflexão e concordância. A proximidade com a capital permite que os indígenas tenham mais possibilidades de ingressar nas faculdades, e/ou trabalhar na cidade, inteirando-se das condições necessárias para a comunidade local e as demais localizadas nas proximidades. De fato, recebem visitantes constantemente, pesquisadores, autoridades políticas. Justamente pela proximidade, as influências externas são mais consistentes.

4. Artes Indígenas no *Parixara*

A música faz parte do cotidiano indígena. Entender o funcionamento da música indígena em seu contexto é necessário, para compreender o que os indígenas entendem como música. Somente com a contextualização se poderá ter a noção do real sentido da música para os grupos étnicos das terras roraimenses.

Nesse sentido, a canção ameríndia é presente nas celebrações indígenas. Músicas que permeiam as festividades. Entendo o *Parixara* como os demais ritmos indígenas entre os Makuxi e Wapichana, não só na comunidade Canauanim, na circunvizinhança também. É preciso entender a quantidade de saberes que estão presentes na vivência das festas e a arte que envolve a preparação, a poética do canto, das vestimentas, pinturas. Enquanto socialização, a comunidade se vê envolvida em relações muito maiores.

Koch Grünberg ([1916-1928] 2006, p.44), um dos primeiros etnógrafos a escrever sobre os costumes na região, traz descrições dos macuxis celebrando o *parixara*: “*A casa toda está cheia de índios. O ambiente está muito alegre [...] balançando os joelhos*”. Na festa entre os Wapichanas, o etnógrafo também descreve algo para nós de importância quanto ao contato entre gerações, como o movimento corporal dos dançarinos, com participantes de diferentes idades:

Às 8 horas chegamos a uma casa Wapischána redonda com teto cônico sobre a parede baixa de pau-a-pique. Há muita gente nua aqui. Estão dançando o *parisherá*, ou *parichára*, como os Wapischána dizem, em semicírculo. Em compasso quaternário, balançando os joelhos e batendo com o pé direito no

chão, homens, mulheres e crianças andam em círculo sob canto monótono (KOCH GRÜNBERG, [1916-1928] 2006, p. 50).

Canto e dança são executados simultaneamente, aos pares, curvando o corpo para frente ao mesmo tempo em que pisam um dos pés no chão com mais força. A estrutura da festa é organizada e construída antes dos dias que a sucedem: vestimentas (saias de palhas), enfeites corporais para a cabeça e corpo, pintura corporal, regada a culinária ameríndia (bebidas nativas caxiri e *pajuaru* e moqueado de peixe ou de carne de caça, beijus e frutas completam toda a aura festiva).

Sobre a pintura corporal para a participação no *parixara*, Koch Grünberg ([1916-1928] 2006, p.59) apresenta o modo como os Taurepang se pintam:

Para a pintura empregam-se tinturas vegetais; para o corpo, normalmente o sumo negro-azulado do jenipapo, que permanece muito tempo na pele, no rosto, a tinta vermelha e muito oleosa encontrada na semente do urucu. Essa gente vaidosa sente uma certa satisfação quando registro suas pinturas em meus esquemas, e eles agüentam com paciência”.

Os indígenas carregam no corpo e no rosto suas marcas ancestrais, a identidade cultural de seu povo. Os traços que compõem essa arte podem variar e de acordo com a ocasião. A própria natureza disponibiliza os elementos naturais para a composição das tinturas, preservando a arte na pele por um longo período de tempo. A arte plumária, pulseiras e colares são elementos que complementam a apresentação artística do corpo indígena.

Em, “*Do Parixara ao Areruia*” (SANTOS, 2018, p.32), nos referimos ao *parixara* como cantos com temáticas com nomes de animais, com formas de preparo alimentar, bem como práticas de caça, pesca e de coleta de alimentos: “*A canção exprime crenças indígenas. A festa faz retomar a relação dos nativos com a natureza, pois os animais estão ligados diretamente a eles. Possivelmente indica uma boa relação social*” (SANTOS, 2018, p. 33).

As canções são dadas por seres, por animais que participam da festa, como convidados ao mesmo tempo em que se oferecem como alimento para os indígenas. É um ambiente alegre. Um evento social que aproxima animais e indígenas, como iguais, com hábitos humanos comuns ao referir-se ao modo de viver indígena e modo de ver o mundo.

A expressividade da socialização é de variabilidade em temas. O antropólogo Lewy (2012) presenciou um ciclo de 20 músicas que descrevem o acontecimento pertinentes à festa. Em “*Do Parixara ao Areruia*” (SANTOS, 2018) constatamos que “*Os primeiros cantos falam do instrumento (...) Os cantos a seguir descrevem a fabricação da saia usada na festa (...) A*

última parte é composta por cantos que atraem a anta pela imitação sonora do animal, seguida da identificação com este”.

Os *parixaras* variam ainda mais de temática. Koch-Grünberg ([1916-1928] 2006, p. 44) apresenta um *parixara* com referências sobre uma atividade ligada à culinária: “*À noite, faço com que Maria [...], e sua bonita sobrinha Carmelita cantem no fonógrafo melodias de dança e canções ritmadas das mulheres a ralar mandioca*”.

O ancião macuxi Felipe José de Souza ensina que a festividade pode ser celebrada com duração de vários dias ininterruptos, ou em apresentações de poucos cantos, em datas comemorativas ou em eventos importantes da comunidade. A música pode ser entoada, também, enquanto se realiza a atividade contida na poesia da canção, enquanto se prepara uma refeição.

As concepções do significado do *parixara* para os diferentes povos Macuxi, Wapichana, e Taurepang estão para além do ambiente festivo, pois encontra-se no preparo da festa, na escolha dos materiais que serão compostos e expostos na festa, está no preparo dos pratos típicos, no sentimento de coletividade, de comunidade, juntos em um só propósito. *Parixara* é voz, é movimento, é ornamento, é empoderamento de ancestralidade.

5. Práticas do Professor de Língua Materna

A presença do professor de língua materna no contexto escolar indígena traz a possibilidade real de um contato maior com a cultura indígena na sala de aula. É sabido que a Constituição Federal Brasileira de 1988 assegurou, na formação básica comum, descrita no Artigo 210: “(...) *respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais*”. E ainda no § 2º: (...) *assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem*” (p. 175).

O princípio norteador para o professor indígena na modalidade de Educação Indígena é fortalecer e valorizar diferentes identidades e realçar o sentimento de pertencimento do grupo étnico, motivando as práticas culturais e favorecendo as línguas faladas na comunidade à qual pertence o indígena. Toda a experiência de vida e conhecimentos recebidos de anciãos podem ser considerados no ambiente escolar. A valorização dos detentores de saberes e conhecedores das tradições consegue ter a voz ouvida e respeitada pelas gerações mais jovens.

São essas as bases para pensar um estudo que realizei como prática de observação de sala de aula. Fui à comunidade Canauanim em maio de 2017, como uma consequência de

encontros anteriores ocorridos na Universidade Federal de Roraima, onde me graduava e iniciava o mestrado. Como pessoa pertencente à identidade wapixana, e formada no campo das Letras e da música, meu interesse não foi somente pela língua do meu povo, mas também pela musicalidade, e os cantos são uma constante nas minhas pesquisas. Foi justamente naqueles encontros que os fortalecimentos de diálogos e troca de conhecimentos se consolidaram, culminando a minha visita à comunidade Canauanim e à Escola Indígena “Tuxaua Luiz Cadete”, onde me reencontraria com o professor Eliandro Pedro Souza Wapichana e sua turma de estudantes.

O professor Eliandro Pedro de Souza, que é morador da comunidade, se encaixa nos critérios pertinentes a esse tipo de estudo e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aceitando a participação no trabalho. Os instrumentos de pesquisa foram: entrevista, com questões semiestruturadas, e a observação da aula de língua materna. O professor não era ancião, mas adulto, na faixa entre 30 a 40 anos de idade, graduado em Antropologia pela Universidade Federal de Roraima. Participa do Insikiran. Com isso, a percepção cultural que tinha de seu povo era mais aguçada, devido ao olhar antropológico, o que enriqueceu o estudo, pelos dados coletados para a análise.

Os recursos didáticos utilizados pelo professor de língua wapichana foram descritos por ele como a partir da junção de dicionários, escritos e livros mais antigos. Esse material foi organizado por uma equipe de três professores e financiado pelo Museu do Índio. Uma componente da equipe organizadora é pertencente à comunidade Canauanim e leciona História em sua escola. O livro *Wapichan paradan idia'na aichapkary pahinak na'il kadyzyi ilid* (OLIVEIRA *et ali*, 2015) é um material restrito às comunidades indígenas falantes de wapichana. Não está à venda em livrarias. Esses livros foram distribuídos aos alunos e professores para o uso nas aulas de língua materna. Percebi que o material é consultado poucas vezes, pois percebi certa familiaridade com os conteúdos a ponto de não haver necessidade de usá-lo a todo momento.

De acordo com relatos do professor, as fases do ensino do canto são:

1. Escolha do repertório;
2. Prática da pronúncia dos termos;
3. Aprendizagem da melodia;
4. Conhecimento dos termos (professor ou ancião);

5. Apresentação dos adereços: vestimentas, pintura, culinária;
6. Cantam e dançam o *parixara* participando de apresentações.

A prática pedagógica do professor referente ao ensino dos *parixaras* em sala de aula tem início na escolha dos cantos. O professor esclarece que há cantos que não podem ser ensinados para as crianças, como os cantos de morte. Então prevalecem os conteúdos de sentido mais simples e de fácil compreensão para a idade delas.

Na verdade, pra dentro do contexto da escola, a gente trabalha muito mais *parixaras* com... significados de festividades, de festa né? Por exemplo de colheita, né? Agradecendo a questão da colheita. Tem a festa, *parixara* só de alegria mesmo, né? e confraternização, né? De se organizarem juntos, de se reunir juntos. Que é a questão que a gente fala, o “apa wokupatan” seria nos reunir. Pelo menos essas palavras “wokupatan” “wakunaiken” dizendo que estamos felizes. (...), mas dentro da letra aparecem essas partes festivas. Então a gente trabalha mais essas festivas juntamente com as crianças. Já essas, esses *parixaras* que a gente fala que é incomum a essas coisas, a gente não traz porque a gente tem que manter as crianças distantes desse tipo de cosmologia. É uma questão de prevenção (relatos do professor indígena Eliandro Pedro de Souza, entrevista realizada dia 17 de maio de 2017 na comunidade Canauanim).

O conteúdo dos *parixaras* parecem ser cuidadosamente escolhidos pelo professor de língua materna, pois existe o tempo de ensiná-los, dependendo da complexidade do conteúdo. Então, certos vocabulários são apreciados dependendo da idade dos alunos. Os *parixaras* com letras festivas que são os preferenciais para a prática em sala de aula. No caso de termos dentro da cosmologia que são incomuns, ou seja, que não são falados abertamente, em qualquer momento, eles são evitados em sala de aula. Os termos complexos envolvem certa maturidade, especialmente no que se refere à idade dos alunos. A este cuidado o professor chama de prevenção, um cuidado que vai proteger a criança de possíveis males que acarretariam, caso elas tomassem conhecimento desses assuntos e verbalizassem em qualquer tempo.

Quanto ao tempo, segundo o professor Eliandro, o ensino de um *parixara* pode durar entre 1 a 3 meses, dependendo do conteúdo e seus significados. A escolha dos *parixara* para o ensino da língua materna ocorre por meio do conteúdo do canto. Ainda de acordo com o professor, os cantos escolhidos para o ensino em sala de aula envolvem temas que trazem possibilidades de discussões sobre o senso de coletividade, a união, a organização, a

importância da coletividade, a culinária, as vestimentas, os instrumentos e termos comuns da fala do dia a dia.

O alfabeto da língua Wapichana possui 16 consoantes e 5 vogais: *a, b, c, d, e, g, h, i, m, n, p, k, r, s, t, v, w, x, z e y*. A vogal “y” não existe em português, é pronunciada como se fosse “u”. As vogais *a, i, u e y* possuem correspondentes longas: *aa, ii e yy*. Certas consoantes não têm o mesmo som que em português. Essas são algumas peculiaridades da língua wapichana na comunidade *Canaumim*. Na aula em que estive presente, os termos utilizados para ensinar o canto do *parixara* foram:

baru (machado),
daru (mãe),
dazuan (arruana, cesto),
daku (boca),
dan (filho),
dazun (bumbum),
dupawai (jamaxim. cesto utilizado para carregar peso nas costas),
dukuzyy (vovô),
damuryd (damurida, comida típica indígena feita de pimenta),
guiaba (goiaba),
grumgrum (peru),
mamaa (mãe),
manguruu (manga).
ungary (eu),
pygary (ele),

Essas palavras foram postas no início da melodia onde a frase *Kunaynam sudiu, kunaynan sudiu* é repetida duas vezes. Vou tomar a palavra *baru* e *ungary* como exemplo desse processo. Exemplo 1: *Daru*- mãe

Professor: *Da-da-da* (pausa) *da-daru*

Alunos: *Da-da-da* (pausa) *da-daru*

Professor: *Kunaynam sudiu, kunaynan sudiu*

Alunos: *Kunaynam sudiu, kunaynan sudiu*

Exemplo 2: *Ungary-eu*

Professor: *Un-un-un* (pausa) *un-ungary*

Alunos: *Un-un-un* (pausa) *un-ungary*

Professor: *Kunaynam sudiu, kunaynan sudiu*

Alunos: *Kunaynam sudiu, kunaynan sudiu*

Esse processo foi repetido com várias palavras, e com a melodia curta e fácil de executar. Os alunos puderam inserir na melodia outras palavras presentes no seu cotidiano. É uma composição simples, melodia curta com base na repetição das frases e dos termos em wapichana. Os alunos se familiarizam com os termos pela prática da pronúncia das palavras, pela voz falada e voz cantada. Do ensino da melodia do canto, os alunos podem exercitar a pronúncia a cada vez que cantarem o *parixara*, afirma o professor, e a facilidade para lembrar a letra se dá justamente por causa da música.

O reconhecimento da família sobre a aprendizagem da língua materna ocorre quando as crianças cantam para seus pais ou familiares em casa. Dessa forma, os pais reconhecem a boa pronúncia e o efeito que a aprendizagem da língua wapichana produz na criança, o prazer e satisfação em aprender a sua língua. O que um dia talvez possa ter sido algo vergonhoso, hoje é motivo de contentamento.

Shinichi Suzuki (1994), em “*Educação é amor: um novo método de educação*”, aponta que a paciência e a repetição são a base para desenvolver qualquer habilidade nas crianças, permitindo que todos sejam capazes de aprender o canto em língua materna e compreender os conteúdos ensinados através da prática diária.

O que se pode comprovar é que ao repetirem as palavras na língua materna quando cantam *parixara*, estão realmente aperfeiçoando a pronúncia, interiorizando-as. As crianças da educação básica praticando o canto terão grandes chances de chegar à fase de Ensino Médio com uma qualidade sonora da língua muito maior e certa fluidez para se comunicar em língua wapichana.

A fase da explicação dos termos centrais contidos no *parixara* pode ocorrer de duas maneiras: se o professor conhece bem o canto, ele mesmo explica os termos aos alunos; outra forma se dá quando o professor é novo na área do ensino de língua materna, então poderá buscar auxílio na pessoa que possui maior conhecimento, os anciãos da comunidade, podendo ser

mulher ou homem, relata o professor Eliandro. São os anciãos que podem explicar com maior propriedade o conteúdo das músicas:

Isso, na verdade, esse conhecimento está acumulado, né? Com o passar do tempo, geralmente eles acumulam bastante conhecimento e significados de todas essas músicas, etc. e tal. E nesse sentido, por exemplo, alguns professores solicitam, se for o caso, que o ancião possa ir na escola explicar algumas coisas, na língua principalmente. Com certeza! Porque o ancião, quando a gente vai desenvolver alguma atividade, ele é muito importante, porque além de ele conhecer essas histórias, ele vivenciou, possivelmente alguns momentos das histórias, né? Então, isso é muito importante (relatos do professor indígena Eliandro Pedro de Souza, entrevista realizada dia 17 de maio de 2017 na comunidade Canaunim).

É interessante que os relatos do professor indígena expressam que o conhecimento e a sabedoria Wapichana estão associados aos mais velhos. O passar dos anos dá a eles o poder do conhecimento, aquele que experimentou mais, que vivenciou mais da cultura Wapichana, aproxima-os dos ancestrais pela idade avançada. Eles acumulam conhecimento, e conhecem mais de perto os significados dos cantos.

A importância dos cantos ensinados e explicados através da língua wapichana por um ancião dentro de uma sala de aula aumenta o respeito dos alunos por eles. Um respeito que não é visto em outras sociedades, que veem o idoso como alguém desprovido de conhecimento e quase nenhuma importância dão a sua voz. A oralidade presente na sala de aula, em quem se baseiam os cantos indígenas, reforça a importância dessa ferramenta no ensino da língua materna.

A sala de aula vista sob a reflexão de Suzuki (1994) de que o ambiente influencia no aprendizado vem corroborar a presença dos anciãos no ambiente escolar. O autor afirma que o ambiente molda o indivíduo e tudo o que se ensina pode ser aprendido pelos alunos, dando a oportunidade a todos, das crianças aos adolescentes e jovens em fase escolar.

O papel do professor de língua materna é relevante no processo de aprendizagem do canto, pois ele contribui para a compreensão de sentimento de coletividade que vai para além da sala de aula. A valorização do conhecimento dos anciãos na cultura indígena sempre foi de grande importância para o autoconhecimento, enquanto sujeito, com as particularidades da identidade *Wapichana*.

O uso da música no aprendizado da língua, segundo o professor indígena, além de possuir significados, traz momentos de relaxamento, diversifica a aula, porque deixa de ser uma aula somente expositiva e proporciona uma aprendizagem mais leve dos conteúdos pertinentes

à língua wapichana. Ainda segundo o professor Eliandro, a música relaxa o corpo e a mente, as crianças conseguem assimilar melhor os conteúdos, através dos cantos, além de ser um mecanismo, que faz lembrar o *parixara*. Que pela melodia lembra a pronúncia das palavras em wapichana.

É que, para professor Eliandro, a música está associada ao lúdico como um instrumento a mais para a criança compreender o que está falando. Um exemplo do uso da música como uma ferramenta lúdica:

[...] quando você fala que teve paricada, né? Que é pajuaru (bebida fermentada de mandioca braba). A criança talvez pode até tentar pronunciar a palavra, mas se não sabe o que significa paricari, não entende. Então o lúdico ajuda, você mostra o paricari. É de dentro das músicas do *parixara*, músicas de festividade, a palavra paricari aparece muito. Então ele vai assimilar melhor. Por exemplo a festa, então é todo esse sentido aí (relatos do professor indígena Eliandro Pedro de Souza, entrevista realizada dia 17 de maio de 2017 na comunidade Canauanim).

Dentro do seu processo para o ensino de língua wapixana através de *parixara* em sala de aula, a prática de canto e dança ao mesmo tempo será a última etapa. O professor relata que ele costuma reservar pelos menos uma hora por aula em cada turma para ter o momento de dança e canto com eles. Em todas as aulas eles cantam.

O repertório por semestre no planejamento de aula do professor Eliandro é de pelo menos quatro músicas por semestre. Percebe-se que o aprendizado é eficaz, pois em pouco tempo os alunos estão pronunciando bem as palavras em wapichana, e cantando e dançando o *parixara*.

Para salientar os resultados, em outra ocasião, o professor usará a língua materna para comunicar-se com os alunos com frases comuns de uma sala de aula, perguntas-respostas, etc. Muito interessante observar a interação que ocorreu durante a aula, resultado de um ciclo de aulas e informações compartilhadas por meio do *parixara*. Os alunos expressam a compreensão que obtiveram da língua pelas respostas rápidas.

6. Considerações Finais

Verifica-se, teoricamente, que a prática final dessa aprendizagem da música traz um perfeito complemento que corrobora o que Dalcroze (*apud* MADUREIRA, 2012) afirma na Rítmica, a relação da música com os movimentos corporais.

Segundo Dalcroze (1965, *apud* MADUREIRA, 2012), música e dança soam como uma experiência pessoal e coletiva, porque está sendo vivenciado na sala de aula. O contexto indígena integra esses elementos, música e dança, norteando a experiência musical. Aprender o *parixara*, nestas circunstâncias, envolvendo a língua wapichana, em forma de melodia e letra, sem dissociá-las, ainda com o acréscimo dos passos de dança e seus significados para os Wapichana possibilita uma aprendizagem com maior êxito.

No *parixara*, há técnicas e exercícios corporais para os passos de dança que envolvem todo o corpo. A partir desses movimentos das pernas e pés, do tronco, postura corporal ocorre a concepção de linguagens corporais. Então, a relação entre música e dança consiste nessa experiência pessoal e coletiva, pois o *parixara* se dança conjuntamente com os outros colegas de sala de aula e com o professor.

Em vista da metodologia da sequência de etapas, sequência didática, de que o professor se utiliza para o ensino da língua materna da comunidade, conclui-se que as técnicas de repetição dos termos para a memorização de significados, além ser uma forma lúdica de aprender uma língua, também compreende a fortificação das relações comunitárias:

- a) cantos que tematizam o senso de coletividade e respeito;
- b) pronúncia dos termos se dá na aprendizagem da melodia do canto; a repetição, as frases curtas tornam acessível a música, elemento de festa/reciprocidade;
- c) o sentido dos termos na língua nativa é ensinado pelo professor ou pelo ancião expressando o respeito pelos mais velhos;
- d) valoriza-se a transmissão de saberes pela oralidade, característica peculiar dos povos indígenas;
- e) ao trazer para a sala de aula os rudimentos que fazem parte dessa festividade, o professor elenca a prática da língua e a cultura Wapichana de forma mais ampla, pois envolve a culinária, vestimentas, e outros elementos provenientes da natureza;
- f) a comunidade recebe bem essas práticas de ensino porque os resultados são apresentados com orgulho pelos estudantes em casa e em outros contextos, desde cantos a falas;
- g) Ao ver os alunos apresentando os cantos, festejando o *parixara*, os adultos se sentem encorajados a praticar a língua wapichana em casa, discursar em reuniões e eventos públicos, criando ambientes de fala, revitalizando suas raízes.

De forma contextualizada, a música se faz presente na sala de aula, tendo como mediador um professor de língua materna, um profissional que reconhece no uso do canto uma estratégia. Não há como não reconhecer que o *parixara*, ao unir música e dança, e os conhecimentos elencados na tradição Wapichana, permite que o estudante mergulhe no conhecimento da cultura de seu povo. Por isso, podemos afirmar que o canto indígena é uma ferramenta pedagógica com resultados promissores no que se refere à aprendizagem da língua materna em sala de aula. No contexto da Educação Escolar Indígena, o uso do canto como estratégias de aprendizagem da língua materna tem sido recorrente nas comunidades indígenas e os resultados são mais falantes nas línguas dos povos tradicionais.

Referências bibliográficas

- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2023]. Disponível em: www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf. Acesso: 20.nov.2023.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [lei 9394.pdf \(mec.gov.br\)](http://lei9394.pdf(mec.gov.br)). Acesso: 20 nov.2023.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico: **Censo Escolar da Educação Básica**, 2021.
- EGGERATH, Pedro. **O Vale e os índios do Rio Branco**. Conferência realizada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1924.
- FREITAS, Marcos António Braga de. **Educação Escolar Indígena: Realidade e Perspectiva em Roraima**. 2013. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/1005/827>
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. **Do Roraima ao Orinoco**: Observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913. V. 1 Trad. Cristina Alberts-Franco. São Paulo: Editora UNESP, [1916-1928] [1916-1928] 2006, p. 174.
- LEWY, Mattias. **Different “seeing” – similar “hearing”**. Ritual and sound among the Pemón (Gran Sabana/Venezuela). *INDIANA* 29 (2012): 53 – 71.
- LIMA, Antônio Carlos de Souza; BARROSO, Maria Macedo. **Povos indígenas e as Universidades no Brasil: Contextos e perspectivas, 2004 – 2008/** Organização Antônio Carlos de Souza e Maria Macedo Barroso. Rio de Janeiro: E-paper, 2013.
- MADUREIRA, José Rafael. **Rítmica Dalcroze e a formação de crianças musicistas: uma experiência no Conservatório Lobo de Mesquita**. Minas Gerais – Brasil **Revista Vozes dos Vales**: Publicações Acadêmicas, Nº. 02 – Ano I – 10/2012.

OLIVEIRA, Kimi da Silva & SILVA, Shirlene de Souza Silva & CAMILO, Maurício. **Wapichan paradan idia'na aichapkary pahinak na'il kadyzyi ilid**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2015.

SANTOS, Jucicleide Pereira Mendonça dos. *Do Parixara ao Areruia*. **Dissertação de Mestrado**. Curso de Letras, Universidade Federal de Roraima. Boa Vista: UFRR 2018.

SUZUKI, Shinichi. **Educação é amor**: um novo método de educação. Tradução Maria Angélica Elleres. Gráfica Palloti: Rio Grande do Sul, 1994.